

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 8 de junho de 2011**

*Texto de referência: “Se alguém está em Cristo, é uma criatura nova”,
suplemento de Passos junho/2011, pp. 12-26*

- *Luntane, cchiù luntane*
- *Lela*

Glória

Carrón: Ainda tínhamos deixado como trabalho para hoje a primeira palestra dos Exercícios da Fraternidade.

Colocação: *Gostaria de pedir uma ajuda porque – volto a duas Escolas de Comunidade – tenho uma pedra no sapato que não consigo tirar: é sobre a última carta que você leu, na qual há uma passagem em que ou ela deixou de dizer algo, ou, se é como você retomou no fim, há algo que eu ainda não conheço, mas quero conhecer porque acho que pode me ajudar bastante em muitas situações. Também conversei com alguns amigos, pedi que me esclarecessem, mas me parece que não ficou claro. Se me permite, leio um pequeno trecho da carta. Ela fala de uma incapacidade, de uma dificuldade diante de algumas circunstâncias e, a certo ponto, diz isso: “Então lembrei-me da promessa que lhe fiz: nunca mais direi algo sem, antes, me olhar em ação. Observei-me durante todo o dia tentando entender o que me movia, porque fazia tudo: o almoço com aquela amiga, o estudo feito de certa maneira... Em todas as minhas ações havia um denominador comum: uma constante busca de algo que preenchesse a minha saudade. Sobre mim, sobre a vida, tenho apenas uma certeza: meu coração é cheio de saudade, é cheio de espera, de tensão, é cheio da promessa de que a vida não é vazia, de que busco algo que existe, senão pararia de buscar. Meu coração busca, portanto afirma com certeza constante um Outro [este é o ponto]. De repente, sem nenhum cálculo, sem nenhuma fórmula e nenhum raciocínio, de novo voltou aquele Tu. Irrompendo, me devastou, me investiu, me envolveu, abraçou. Éramos eu e esse Tu, e basta. E voltei a respirar. Um relacionamento tão íntimo e terno a ponto de deixar sem palavras”. Fiquei provocado, porque ou ela se esqueceu de dizer algo ou, se é assim como disse, quer dizer que ela não precisou – aparentemente, pelo menos assim me parece – nem de algo fora de si (um fato, algo que tenha acontecido), nem precisou ler ou fazer memória de algo. Porque eu, quando estou em dificuldades, não tenho esse recurso. Fiquei provocado porque você disse duas vezes que esse é um ponto de não retorno. Eu me interesso por esse ponto de não retorno, porque sempre achei que quando alguém está em dificuldade, ou faz memória de um fato ou quer que o que aconteceu aconteça outra vez e, então, faz tudo para descobri-lo e, procurando na realidade, vai buscá-lo onde quer que esteja, mas a companhia tão íntima desse Tu, tenho dificuldade para entender, parece que aconteceu como num passe de mágica. Talvez eu faça experiência disso inconscientemente, não sei, mas eu quero um ponto de não retorno porque sei que pode me fazer companhia sempre.*

Carrón: Esse é o ponto essencial da primeira palestra, é a dificuldade que normalmente temos. Por isso não quero responder a essa pergunta agora, no começo da Escola de Comunidade. Quero ver se há alguém que tem algo a dizer sobre essa passagem. Porque ele disse, em relação à carta: é como se de repente aparecesse um Tu – que é aquilo que acontece muitas vezes também a nós –, um Tu que a pessoa tira da manga, quase como se o inventasse. E então, é como se a um certo ponto nos tornássemos criadores em vez de testemunhas. Então, nas coisas que a carta descreve, falta algo ou não?

Esqueçam todas as colocações que vocês prepararam. Agora, vamos responder àquilo que veio à tona, porque aqui estamos diante daquilo que acontece agora. Força!

Colocação: *Quero lhe agradecer e, ao mesmo tempo, agradecer ao Movimento, porque nos Exercícios, quando você apresentou o segundo ponto, o “mistério eterno do nosso ser”, fiquei muito provocado. De fato, me fez colocar em foco o ponto de consciência que eu sou e que se revela na ação e no impacto com a realidade, quando vivo uma profunda saudade deste Tu, de uma maneira muito sofrida também. Porém, enquanto outras vezes eu vivi isso reduzindo a um fato intimista e psicológico...*

Carrón: E por que não é um fato intimista e psicológico?

Colocação: *O que sei é que aquilo que você disse gerou uma certeza maior, a certeza do vínculo de um relacionamento com essa Presença. Por isso, dentro dessa certeza de um coração que vibra por causa d’Ele, percebi que o empenho com as coisas torna-se ainda mais profundo. Por exemplo, gerou em mim um gosto cultural ainda maior pelo trabalho de pesquisa que estou fazendo, no qual procuro perceber todas as coisas que possam confluír dentro dessa minha tendência no trabalho.*

Carrón: Obrigado.

Colocação: *Quando você leu aquela carta, para mim nasceu a mesma pergunta: como faço para confiar em algo que acontece em mim? E isso revelava uma posição que eu já tinha percebido outras vezes em relação àquilo que você dizia.*

Carrón: Repita a pergunta que você fez...

Colocação: *Como faço para confiar em algo que acontece em mim? Parece tão frágil. Então, olhei para o que me aconteceu nestas semanas: fui panfletar [para a campanha eleitoral italiana] e convidei alguns jovens universitários. Depois de dois dias, um deles, com quem tenho muita dificuldade de me relacionar, veio me procurar e eu, como sempre, tentei me esquivar. Ele, porém, veio me contar: “Fiz uma experiência panfletando. Por um lado, estava exaltado, contente, porque descobri que eu tinha algo a dizer, mas ao mesmo tempo fiz experiência de uma – como dizer – pequenez”. Quando ele falou essa frase eu parei, olhei para ele e disse: “É a mesma coisa que eu vivi”. E me descobri livre no relacionamento com ele. Naquele instante entendi que algo estava acontecendo comigo, quer dizer, aquela experiência de liberdade me fez entender aquilo que você disse através da carta, porque Cristo era algo que estava acontecendo como liberdade em mim, e por isso eu disse: posso confiar porque um Outro habita minha vida.*

Carrón: Mas na carta ela não menciona isso...

Colocação: *Não, estou dizendo...*

Carrón: Não pense que você vai sair dessa assim.

Colocação: *Não, não.*

Carrón: Não acrescentem o que lhes vem à cabeça, respondam a isso.

Colocação: *Eu estou falando da liberdade.*

Carrón: Depois também chegaremos aí aonde você quer.

Colocação: *Sim, sim, mas o que eu digo é que, nesse tempo, essa foi a descoberta que eu fiz, por causa de uma liberdade que acontecia em mim, não gerada por mim. Eu faço experiência daquilo que você chama “Tu” a partir de uma coisa que acontece em mim como algo misterioso no qual eu descubro, me descobri...*

Carrón: Onde ela faz experiência disso?

Colocação: *Ah, ela?*

Carrón: Sim, naquilo que ela diz.

Colocação: *Que ela poderia exaurir essa... Aquela saudade que ela descobriu, aquele desejo que percebeu em tudo o que fazia, era algo diferente dela mesma.*

Carrón: Por quê?

Colocação: *Porque ela não podia satisfazer esse desejo, movia-se para buscar uma resposta.*

Carrón: Vocês concordam? Obrigado.

Carrón: Vejo que hoje a fila terminou antes de começar. Como dizia um professor meu: os bons toureiros se fazem diante dos bons touros (mas vejo que aqui falta experiência com touros...). Agradeço pela primeira colocação, que levantou essa questão, porque aponta uma verdadeira

dificuldade que temos, tanto que mesmo tendo lido o quinto capítulo de *O Senso Religioso*, ou seja, a coluna vertebral da primeira palestra do sábado de manhã, percebemos que temos dificuldades, pois, diante de uma carta como a citada, não entendemos. Mas tudo o que Giussani diz naquele capítulo, ele o diz a partir da tristeza, da solidão, da espera, da saudade! É o que tudo isso implica para ele? Como ele diz de maneira esclarecedora na conclusão do capítulo, o fato de existirem todos esses fatores, o fato de existir a pergunta é o sinal mais evidente de que existe a resposta: “A afirmação da existência da resposta, está implicada no próprio fato da pergunta” (cf. *O Senso Religioso*, p. 91). Para nós, essa passagem é quase incompreensível. Por quê? Em que se vê isso? Porque é como se uma vez descrita toda a saudade, toda a espera, toda a tensão, toda a promessa, quando a pessoa diz “Tu”, parece que o faz como se tirasse o coelho da cartola, como um passe de mágica. Isto é: não vemos a relação entre todos esses fatos que não podemos eliminar da vida e a afirmação do Tu. E isso faz com que nós, no fim, muitas vezes pensemos que esse Tu é afirmado porque nós decidimos, não porque brotou das vísceras da experiência real que fizemos. E, por isso, nos parece que nós o inventamos. Por que preciso dizer “Tu”? Por que tenho certeza quando digo “Tu”? Por que tenho certeza de que existe esse Tu? Como não resolvemos o problema nesse nível, nestes anos nos dissemos muitas vezes: “Por que devo dizer Cristo diante das coisas que acontecem? Por que devo dizer...?”. É o mesmo problema, aplicado à fé. O que acontece, amigos? Qual é a diferença de postura entre Giussani, esta carta e nós? A diferença é que nós consideramos óbvio o desejo, consideramos óbvio que a saudade existe, consideramos óbvio que sentimos solidão. O que quer dizer considerar óbvio? Que sentir solidão e tristeza não implica mais nada. Mas, se vocês lessem tudo o que Giussani diz nesse quinto capítulo, todas as vezes em que fala dessas coisas, algo de outro está implicado: não pode falar da tristeza sem reconhecer que é desejo de um bem ausente; não pode falar da solidão sem que essa solidão, quando a pessoa a olha no rosto, seja ocasião para redescobrir a companhia original; não pode falar da saudade porque não existiria a saudade sem um Tu. Por isso, quando a pessoa escreve uma carta como essa que relemos, nos parece que falta um pedaço. E por isso, eu estava insistindo sobre a questão da saudade, que é onde mais claramente podemos olhá-lo. Por que Lagerkvist (que é citado por Giussani no final do capítulo) fala de saudade? Por que alguém, quando percebe em si o fenômeno da saudade, não pode deixar de implicar um tu de quem sente saudade? Porque o fato de a saudade existir é o sinal mais evidente, a prova mais evidente de que eu não invento um tu para mim, porque ninguém que sente saudade inventa um tu para si. Quem não tem um tu não sente saudade! O fato de percebermos que a saudade existe é a prova mais evidente de que existe um tu, não porque sou eu que decido, ou afirmo, ou gero, ou crio isso – acrescentem todos os verbos que quiserem –, mas porque existe! Porque existe! Não é intimista nem psicológico, porque para afirmar o fenômeno da saudade é preciso algo fora de mim de que sinto saudade, e é preciso algo em mim como estrutura que eu não posso explicar sem esse Tu do qual sinto saudade. E, aqui, tocamos com as mãos o nosso racionalismo, isto é, esse uso da razão do qual Giussani tenta constantemente nos ajudar a sair através das citações das experiências humanas dos homens “mais humanos”, de Dostoiévski a Leopardi, ou Pavese. Por quê? Porque no vértice da experiência humana a pessoa não pode acrescentar suas fantasias, mas se dá conta daquilo que está implicado no dinamismo do próprio eu. O que consideramos óbvio é esse dinamismo, essa dinâmica do eu. E se não há essa companhia original no eu, podemos estar sós mesmo no meio de muitas pessoas, porque a companhia não pode ser outra coisa além desse Tu. É ali, no momento da solidão (diz Dom Gius), que a pessoa descobre a sua companhia original. E se não nos detivermos sobre isso continuaremos a usar a razão de maneira racional, isto é, como medida. Depois, quando chegamos ao ponto, afirmamos o Tu sem motivos adequados, e, por isso, não temos certeza. Como podemos ver isso? Pelo fato de que há uma suposição, e não um conhecimento. E, analogamente, amanhã acontecerá com Cristo, porque é o mesmo modo de usar a razão que nos deixa constantemente incertos. Nesse sentido, o alcance do percurso que Dom Giussani nos faz fazer é extraordinário, porque é a luta mais insistente contra essa redução da razão à medida, que faz com que a afirmação deste Tu pareça colado – como vocês sempre me dizem –, acrescentado, pareça algo que não está dentro da experiência em si. Porém, ele diz tranquilamente que pelo fato de que existe a pergunta, existe a resposta. Essa carta revela a

nossa dificuldade: porque nós não temos coragem de dizer a Giussani que lhe falta alguma coisa, mas a mesma objeção que vocês podem fazer à amiga da carta ou a mim, podem direcioná-la diretamente a Giussani, diretamente! E aqui vemos claramente como podemos repetir durante anos o quinto capítulo de *O Senso Religioso* sem alterar um milímetro da nossa posição. Lemos, mas não incide, não incide. Entendem o motivo da luta insistente do Papa sobre alargar a razão? Não é um problema de Deus, não é um problema do Tu, é mais uma vez o problema do eu, da capacidade do eu de afirmar o Tu. Por isso, a Igreja sempre defendeu, desde o Concílio Vaticano I, em meio do racionalismo reinante, essa possibilidade da razão de afirmar o Tu, de afirmar o Mistério. Se isso não é verdade, não só esse capítulo não se mantém, mas todo o livro, todo o PerCurso. Se eu existo, qual é a coisa mais evidente? Que existe um Tu. Mas este não é um problema psicológico ou intimista, porque eu estou na realidade e devo dar razões adequadas, em cada instante da vida, do por que existo. Nós consideramos isso óbvio, mas é a coisa menos óbvia que existe! E, como consideramos óbvio, não percebemos que o fato de não ser óbvio já implica que existe Alguém que me faz agora: eu sou Tu que me fazes, agora. Não porque eu penso, sinto, imagino ou crio isso, mas porque eu existo! Não é um problema psicológico, não é um problema de projeção conforme Feuerbach, é um problema implicado no próprio fato de eu existir. Meninos – e “não tão” meninos –, isso é decisivo porque todas as nossas dificuldades, todos os nossos medos, todas as nossas incertezas têm sua origem aqui, porque assim não podemos aderir a nada. E não é assim porque eu estou dizendo, é assim e pronto. Não é um problema de números, não é um problema de consenso. Não! Não, mesmo que apenas eu sustentasse isso, me desse conta disso, e todos vocês fossem distraídos, seria igualmente verdadeiro que eu, agora, não me faço por mim. Se a pessoa não chega nisso, nessa certeza no uso da razão, isto é, se não chega a uma modalidade de viver o eu com toda a natureza do eu, sempre parecerá que afirmar o Tu é jogar-se no vazio (que é a imagem que muitos têm da fé). Por isso, peço que vocês se aprofundem nesse ponto, porque nas cartas que vocês enviaram, podemos perceber isso: “Apesar do que eu vivi nos Exercícios e em Roma, apesar de estes últimos meses e estes últimos anos terem sido cheios de testemunhos, de fatos que realmente tornaram minha vida cotidiana mais feliz, apesar da avalanche de amigos que fiz inesperadamente, um marido, três filhos, um trabalho, apesar de tudo isso, desde que voltei de Roma uma grande tristeza me aperta o coração. Por isso, a última Escola de Comunidade parecia feita especialmente para mim, começando pelas músicas. Nada, absolutamente nada, a não ser alguns momentos em que tento não pensar, me tira essa tristeza. Muitas vezes perguntei, inclusive diante de você: do que estamos falando [muito bem, finalmente: mas, do que estamos falando?]? No entanto, sei bem do que estamos falando, ou melhor, de Quem, mas é como se no fundo, no fundo, eu pensasse que Cristo existe, me ama, eu O vi, me abraçou, mas no fundo, no fundo, sou como o jovem rico, vou embora triste. Na última sexta-feira abriu-se para mim uma fresta enquanto lia o quinto capítulo de *O Senso Religioso*. Comecei a entender pelo menos que não estou só. As perguntas sobre a vida, sobre a minha vida (Por que nasci? Por que existo agora? De que é feita a realidade, as montanhas, o céu, meus amigos, os filhos, eu?) estavam muito bem descritas ali, eram as minhas perguntas. Mas, isso quer dizer que o encontro com Cristo faz o senso religioso explodir [se isso acontece olhando a tristeza, imaginem o que acontece no encontro com Cristo que ainda revela muito mais a pergunta, porque quanto maior é a pergunta, mais intensa é a pergunta, quanto mais me toma todo, quanto mais difícil é dar uma explicação, maior é a evidência de que existe algo de outro: o encontro com Cristo torna mais evidente aquilo que diz o quinto capítulo]. Sempre pensei [esse é o nosso problema] que encontrando a resposta, finalmente estaria tranquila, mas ao contrário, nada se fecha, a ferida que carrego não se fecha. O que está acontecendo comigo? Voltei ao ponto de partida? Andei para trás? Tudo me parece tão pouco satisfatório, ultimamente meu coração explode por causa da necessidade de significado que tenho”. Do que essa necessidade de significado que ainda explode dentro dela é sinal? Essa intensidade de vida, essa saudade que eu não tinha antes – que aflora quando encontro alguém –, e que é infinitamente maior do que quando estava adormecido, isso é sinal de que andei para trás ou de que quanto mais aparece aquela Pessoa mais se torna evidente o quanto me despertou por inteiro? Essa é a confirmação de que existe algo real e presente que me desperta constantemente. E, então, diante disso, a carta diz: “Sempre me lembro de

uma frase que você disse muitas vezes: 'É um problema de conhecimento'. É um problema de conhecimento, digo a mim mesma, e ontem à noite saí de carro sozinha para dar uma volta e poder chorar em paz. Quando fiz uma curva (moro nas montanhas), me deparei com um espetáculo belíssimo. Parei o carro e ali, diante daquele pôr do sol, não pude deixar de pedir ao mistério que me respondesse. Ali, não podia mais fazer objeções [e não porque não percebesse a desproporção]. Ali, percebi toda a desproporção entre mim e Ele. Desapareceu toda a pretensão, ficou apenas a mendicância". Outra pessoa escreveu: "Participei da Escola de Comunidade da última quarta-feira. Enquanto você lia as cartas, percebia que os protagonistas contavam um percurso humano da descoberta da presença de Cristo, certa, experimentável e possível. Não se tratava de pessoas tolas, mas de pessoas que vivem dramaticamente, sem eliminar as dificuldades, com uma humanidade que, como primeira reação, me fez sentir inveja. Na minha vida, tive a graça de encontrar Cristo, pois conheci aquela letícia que foi descrita ontem. Porém, depois, esse Cristo pareceu ir sumindo, como talvez seja natural acontecer, e ficou um grande desejo d'Ele". Vocês percebem como essas duas coisas se colocam juntas? Cristo pareceu ir sumindo e ficou um grande desejo d'Ele. Esse desejo d'Ele não é o testemunho mais evidente de que não sumiu? A saudade surge porque sumiu ou porque existe? Dom Gius diz isso de maneira inequívoca na página 89 de *O Senso Religioso* (já citamos essa passagem nos Exercícios): "Portanto, antes da solidão está a companhia que abraça minha solidão, por isso não é mais verdadeira solidão, mas grito de apelo à companhia escondida". E como não entendemos isso, então chegamos a dizer contemporaneamente que temos esse imenso desejo d'Ele e que Ele desapareceu. Mas, o que Giussani diz no capítulo inteiro? Exatamente isso: que não desapareceu, que isso é o sinal mais evidente de que existe. Ele está inventando isso? Giussani também é um visionário? Todos aqueles que ele cita são visionários? Só nós somos realmente realistas? Ou são eles que são realmente homens e nós, ao contrário, somos reduzidos pelo poder? Cada um pode decidir, mas isso quer dizer que ainda há um longo caminho a percorrer. Ainda bem que a carta continua assim: "Ouvindo as cartas que você lia e sentindo aquela inveja, percebi que tinha mais vontade do que nunca. Percebi que aquela companhia que espero estava acontecendo [mas estava acontecendo não só por causa das cartas; as cartas tornavam presente o que estava acontecendo também naquele seu desejo, mas ele não reconhece], e por isso entendi aquilo que foi dito depois. Depois de algumas frases já me vi fazendo planos [veem?]. Dizia: por algo assim, devo dar tudo. Porém, no fundo, prevalecia uma tristeza porque eu, pensando bem, nunca recuei diante de nada, e apesar daquele Cristo que desejo, nunca pude tê-lo como amigo. Fui tomado por uma doce percepção de impotência porque tudo o que desejo não está em minhas mãos, e eu não possuo o Amado. E nessa prostração, vi-me repetindo: 'Vem, ó Cristo'. Nunca fui muito habituado a rezar [porque a pessoa só adquire o hábito da oração quando ela nasce do fundo do eu, mas para nós, normalmente, é uma coisa piedosa, devota], principalmente as orações prontas que a Igreja sugere. Porém, nesses dias percebi a oração [olhem o que descobrimos quando não pulamos nada: as palavras readquirem um significado que nasce do fundo da experiência] como a coisa mais inteligente a fazer, a mais construtiva, e não me cansa mais [não algo para os piedosos e devotos, mas para alguém que se torna consciente do que é ele e do que é a realidade. O mais inteligente, não o mais bobo]. Se isso se chama 'vida nova', agora sei do que se trata: não é mais uma expressão, mas uma experiência. Agora entendo o que significa pedir a Cristo: 'Ensina-nos a rezar', porque Ele me conduziu não com uma indagação, mas através da urgência de uma experiência [que está no fim da palestra: a ti, ó Cristo, se volta todo o meu desejo]; e entendo também as palavras do Papa na audiência de 11 de maio: 'Na dinâmica desse relacionamento com quem dá sentido à existência, com Deus, a oração tem uma de suas expressões características no gesto de se colocar de joelhos'. Posso me ajoelhar espontaneamente, declarando o meu limite e, portanto, a minha necessidade de um Outro. Esse capítulo ainda precisa ser todo descoberto".

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá na quarta-feira, dia 22 de junho, às 21h30. Retomaremos a segunda palestra. Isso não quer dizer fechar a primeira, porque ainda resta muito a aprender.

Foi preparado um panfleto assinado por Comunhão e Libertação sobre as últimas eleições:

Prontos a dar a razão da esperança que está em nós

Como qualquer outra circunstância da vida, também as eleições administrativas obrigaram cada um de nós a tomar posição e a assumir a sua própria responsabilidade. Principalmente desta vez não foi fácil ir além das aparências e dos lugares-comuns alimentados pelo mundo político e pela opinião dominante.

*Desde o início nos dissemos: somos cristãos e, portanto, antes de qualquer cálculo eleitoral e antes de saber qual será o resultado final, **queremos verificar se a fé tem algo a dizer** também nesta ocasião – em outras palavras, se tem incidência histórica – ou se deve renunciar ao jogo, resignando-se ao papel de “cortesã” de quem vier a conquistar o poder ou de “consoladora” para quem for derrotado.*

Muitos aceitaram o desafio e se lançaram na verificação, concretamente, indo ao encontro das pessoas nas feiras, na frente das igrejas, nos prédios e nos locais de estudo e de trabalho. E o que é que se viu? Um desejo difuso e confuso de mudança, mas também muito ceticismo – e não só no âmbito da política. Às vezes uma agressividade gritante e exagerada. E principalmente um mar de necessidades e de solidão. Onde foi possível quebrar o muro dos preconceitos e da hostilidade, quanta humanidade ferida e provada pela vida apareceu, quantas pessoas pareciam não esperar outra coisa senão alguém disposto a estar diante delas, simplesmente!

Assim, estas eleições converteram-se numa oportunidade para escutar, para dar-se conta de necessidades e de dramas inimagináveis, às vezes para estender uma mão e oferecer ajuda. Em algumas situações bastou uma troca de números de telefone para despertar desejo e esperança.

O que é que tornou possível tudo isso? *Certamente não uma esperteza e uma dialética política. É preciso mais do que isso para perfurar a crosta da qual muitos se revestiram para se defenderem de uma realidade que não satisfaz. Agora, frente a uma necessidade tão profunda, pode surgir a tentação da utopia: o sonho de que a política – de qualquer cor ou tendência – possa oferecer uma solução mágica que elimine a dor, o mal e a injustiça, liberte o homem e o salve. No entanto, sabemos bem quão decepcionante é depositar a esperança numa coisa inconsistente como as utopias, que a história pontualmente negou. Por isso nos repetimos: “Não esperemos um milagre, mas um caminho”. Por isso compartilhamos com qualquer pessoa a única coisa real que temos: uma experiência de novidade humana, que demonstrou ser capaz de nos dar uma plenitude e uma positividade em qualquer circunstância nos encontremos.*

Depois destas eleições, ressoam atualíssimas as palavras que Dom Giussani dirigiu a um jovem que encontrou na Universidade Católica no final dos anos Sessenta, o qual considerava a revolução como a única forma para incidir na história:

“As forças que movem a história são as mesmas que tornam o homem feliz. *A força que faz a história é um homem que estabeleceu sua morada entre nós, Cristo. A redescoberta disso impede a nossa distração como homens. O reconhecimento disso introduz a nossa vida na inflexão da felicidade, mesmo que intimidada e cheia de uma reticência inevitável. É no aprofundamento dessas coisas que a pessoa começa a tocar os ombros pela manhã e a sentir o seu próprio corpo mais consistente e a olhar-se no espelho e a sentir o seu próprio rosto mais consistente, a sentir o seu próprio eu mais consistente e o seu próprio caminho entre as pessoas mais consistente, não dependente dos olhares dos outros, mas livre; não dependente das reações dos outros, mas livre; não vítima da lógica de poder dos outros, mas livre”.*

*As eleições provocaram em nós uma consciência maior de quais são “as forças que movem a história” e a sermos menos ingênuos a respeito do poder salvífico da política. **Só a fé torna mais humana a vida agora:** põe em movimento uma vibração diante da nossa necessidade e da dos outros, desencadeia uma paixão pelo destino de cada indivíduo com que se depara, até abrir uma possibilidade de diálogo com diferentes pessoas, decepcionadas ou com raiva.*

E agora? Não desejamos outra coisa senão a liberdade – para nós e para os outros – de construir e de compartilhar a nossa experiência com todos, a começar por aqueles que temos encontrado nestes meses, pelas suas necessidades. A política – quem venceu, mas também quem perdeu – será capaz de reconhecer essa novidade de vida no presente e de defendê-la como um bem para todos?

*Quando nascemos, pedimos uma única coisa a quem então comandava: “Mandem-nos andar nus, mas deixem-nos a liberdade de educar”. Naquela época como hoje, Comunhão e Libertação existe só por isso. **Pedimos demais?***

Entender isso é a única possibilidade para que aquilo que vivemos nos faça dar um passo em relação à consciência porque, como Giussani sempre nos disse, “não há experiência verdadeira se

não nos faz crescer na consciência daquilo que vivemos”. Por isso, o juízo contido no panfleto é uma ocasião para não perder a experiência que fizemos nesse período e que vimos acontecer. Antes de mais nada, é importante para nós, porque tomamos mais consciência da nossa experiência e da nossa incidência histórica, e para oferecer à pessoas que encontramos durante a campanha eleitoral a possibilidade de continuar um confronto, um diálogo, e de oferecer uma ajuda. Muitos me contaram sobre pessoas que depois das eleições nos procuraram: precisamos retomar o diálogo que começamos, porque o jogo não acabou, para muitos apenas começou. Por isso é uma ocasião para continuar um diálogo.

Propomos alguns livros para leitura nas férias:

- O primeiro é o livro do Papa, *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. O fato de termos escolhido um trecho desse livro para o Cartaz de Páscoa já nos deu uma mostra de como é o livro. Por isso, para uma familiaridade com Cristo, para um conhecimento mais aprofundado d’Ele, não podemos deixar de ler um livro como esse.
Para nos ajudar nisso, está sendo preparado um livreto com o texto da apresentação que Ignacio Carbajosa fez sobre o livro do Papa em Madri. Poderá ser útil também por causa das apresentações públicas do livro que os Centros Culturais farão em diversas cidades.
- O segundo livro é *Ciò che abbiamo di più caro* (*Aquilo que temos de mais caro*), de Dom Giussani, com os textos das Equipes do CLU de 1988 e 1989. Como já disse a vocês, é providencial ver como Dom Giussani, com esses textos, nos acompanha no caminho, exatamente em relação ao que estamos vivendo agora.
- O terceiro livro é *Brand*, de Ibsen, que é o drama de um pastor protestante que sacrificou a própria vida pelo ideal ético, a perfeição moral através da vontade humana. É muito interessante lê-lo tendo como referência o capítulo do qual falamos hoje, porque Brand é um exemplo daquilo que muitas vezes nós pensamos: que podemos alcançar algo com a nossa tentativa. E esse é um problema de conhecimento. Como não entendemos a natureza do eu, continuamos a colocar nossa esperança naquilo que conseguimos fazer. No livro, vocês verão o que quer dizer isso e que tipo de desespero provoca. Dom Giussani comentava: “A imagem mais incisiva desse desespero sobre a própria impotência ética está na última cena, quando o protagonista, que procurou a coerência sua vida inteira, diante da morte, grita: ‘Responda-me, ó Deus, na hora em que a morte me assalta: será que não é suficiente toda a vontade de um homem para conseguir uma única parte de salvação?’”
- Por último, o romance *Il Padrone del Mondo* (*O Dono do Mundo*), de Robert Hugh Benson, onde vemos como o poder tende a nos fazer perder a consciência de nós mesmos.

Veni Sancte Spiritus